

## o anarquismo filosófico de rené schérer

*silvio gallo*

Ainda que sendo parte de uma geração de filósofos franceses bastante estudados no Brasil (refiro-me a Deleuze, Foucault, Derrida), René Schérer é quase um desconhecido entre nós. E, no entanto, ele é autor de uma obra extensa, rica, provocadora, muitas vezes em interface com os colegas de sua geração, com os quais conviveu<sup>1</sup>.

Neste artigo, que não pretende ser uma exploração exaustiva da obra de Schérer<sup>2</sup>, vou me limitar a comentar um aspecto que considero por demais interessante: sua

<sup>1</sup> Para citar não mais que três exemplos, Schérer apropriou-se do conceito de dispositivo, introduzido por Foucault, para pensar um “dispositivo pedagógico”; desenvolveu explorações muito interessantes do devir-criança, criado por Deleuze e Guattari; e aprofundou um estudo histórico-filosófico da questão ético-política da hospitalidade, tema também trabalhado por Derrida.

<sup>2</sup> Tomo a liberdade de sugerir, como uma leitura introdutória ao pensamento de Schérer, um artigo no qual procuro aproximá-lo da filosofia da educação: Silvio Gallo. “René Schérer e a Filosofia da Educação: primeiras aproximações” in *Educação e filosofia*, v.32, n.65, maio/ago.2018, pp. 793–815.

*Silvio Gallo é professor Titular da Faculdade de Educação da Unicamp e pesquisador bolsista produtividade do CNPq. Vinculado ao LIMA – Laboratório Insurgente de Maquinarias Anarquistas, coletivo que ocupa a FE-Unicamp. Contato: silvio.gallo@gmail.com*

aproximação com o anarquismo. Schérer estudou a fundo o pensamento e a obra do utopista Charles Fourier, tendo sido um dos responsáveis por recolocar o trabalho do pensador francês do início de século XIX novamente em circulação, a partir das décadas de 1960 e 1970, escrevendo livros e artigos, além de produzir compilações de textos de Fourier. Este pensamento inquieto e inquietante influenciou sobremaneira o trabalho de Schérer, notadamente seus estudos sobre infância; ora, sabemos da influência que Fourier, conterrâneo de Proudhon, exerceu em anarquistas da segunda metade do século XIX e do século XX, de modo que, ao aproximar-se dele, Schérer aproxima-se de uma perspectiva, ao menos, libertária. Outra referência é sua amizade com Ronald Creagh, declarada em vários momentos. Com isso, há um elemento libertário, anárquico, presente no pensamento e na obra de Schérer, ainda que ele não seja, efetivamente, um militante nas fileiras anarquistas francesas.

Na segunda metade da década de 2000, Schérer dedicou seu seminário de doutorado na Universidade de Paris 8 Vincennes-Saint-Denis ao tema do anarquismo, tendo desenvolvido uma série de comentários a respeito, que foram sistematizados em dois livros, ambos publicados em 2008: *Pour un nouvel anarchisme (Por um novo anarquismo)* e *Nourritures anarchistes. L'anarchisme explosé (Pratos anarquistas<sup>3</sup>. O anarquismo explodido)*. Nestas obras, justi-

---

Disponível em: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v32n65a2018-14>.

<sup>3</sup> *Nourritures* poderia ser traduzido por “comidas” ou “alimentos”; opto por “pratos”, no sentido culinário, pois o sumário do livro é organizado como um menu, encadeando: entrada; primeiro serviço; segundo serviço; terceiro serviço; encerrando-se com a sobremesa.

fica seu envolvimento com um pensamento anarquista, ou com o que denomina um “anarquismo filosófico”.

Aqui, um parêntese necessário. Recentemente, a filósofa Catherine Malabou publicou um livro interessante e provocador: *Au voleur! Anarchisme et philosophie*, no qual passa em revista os usos feitos por diferentes filósofos do final do século XX e início do século XXI em torno do tema da anarquia<sup>4</sup> (Malabou, 2022). Segundo ela, desde a antiguidade grega, a filosofia é tributária de uma lógica da *arkhé*, isto é, do princípio, do fundamento. Nesta lógica, há que haver um ponto de partida e uma fundamentação para qualquer pensamento, assim como para qualquer ação política. A autora mostra como isso está presente, por exemplo, no pensamento político de Aristóteles, que afirma o fundamento do exercício legítimo do poder, instituindo a tradição do poder como governo. Na lógica do governo, pensa-se o governável e o ingovernável; mas, com o anarquismo, com a negação explícita do princípio de autoridade na política, institui-se a perspectiva do não-governável. Há, portanto, uma imbricação entre negação — ou, ao menos, questionamento — dos princípios no pensamento filosófico e na política.

---

<sup>4</sup> Catherine Malabou. *Au voleur! Anarchisme et philosophie*. Paris, PUF, 2022. A autora discute as obras de Schürmann, Levinas, Derrida, Foucault, Agamben e Rancière, mostrando que, cada um a seu modo, se apropria de elementos do pensamento anarquista para sustentar uma perspectiva anárquica da filosofia (em Schürmann, uma “anarquia ontológica”; em Levinas, uma “anarquia ética”; em Derrida, um “anarquismo responsável”; em Foucault, uma “anarqueologia”; em Agamben, uma “anarquia profanadora”; em Rancière, “a anarquia entra em cena”), sem, no entanto, assumir relações diretas com o anarquismo como movimento político. Por essa razão, ela afirma existir aí um *roubo* praticado pela filosofia contemporânea contra o pensamento anarquista, sem o qual ela não seria possível.

O longo percurso analítico que ela desenvolve mostra, por exemplo, que alguns pensadores contemporâneos resgatam a perspectiva anárquica para o pensamento, mas não para a política, por não conseguirem lidar com o não-governável. Talvez se encontre uma linha de fuga em Foucault, com sua anarqueologia, e em Rancière, para quem o governo é da ordem do policial, sendo a política a irrupção acontecimental do anárquico, da ausência de legitimidade da prática governamental<sup>5</sup>. Mas a apropriação da lógica da negação da *arkhé* no pensamento filosófico contemporâneo caracterizou-se por seu deliberado afastamento da política. Por isso, a autora não hesita em falar em um *roubo*: o pensamento anárquico na filosofia não teria sido possível sem o terreno preparado pelo anarquismo na política; ao negligenciar ou escamotear este aspecto, os filósofos roubam o anarquismo como movimento político.

Malabou não trata de René Schérer em seu livro; e, talvez, seja justamente nele que encontremos no pensamento contemporâneo essa articulação entre anarquia e anarquismo que outros insistiram em dissociar. Vejamos.

Sobre suas relações com anarquistas e com o anarquismo, Schérer pronunciou-se desta maneira, em entrevista de dezembro de 2013: “Sou muito amigo de Ronald Creagh e gosto muito também de Daniel Colson, pelo que ele escreveu e pensou, mas o conheço menos. Isso independente de um ‘movimento anarquista’ que mal conheço e ao qual jamais pertenci. De fato, há anarquismos múltiplos e alguém é anarquista desde que queira pensar por si mesmo, fora de todo movimento existente. De mi-

---

<sup>5</sup> Sobre essa questão, ver tanto o capítulo "L'anarchie mise en scène. Jacques Rancière sans témoins", do livro de Malabou (*op. cit.*, pp. 325-379) quanto Jacques Rancière. *O desentendimento – política e filosofia*. São Paulo, Ed. 34, 1996.

nha parte, toquei uma certa forma de anarquismo político através de Fourier que, por sua vez, via negativamente o anarquismo, que ele colocava do lado da Civilização, enquanto ele buscava a ordem harmônica ou harmoniosa. Foi apenas por acaso e individualmente que eu encontrei ‘anarquistas’ que se proclamavam como tal; começando por Daniel Guérin, depois Ronald Creagh. E foi apenas bem tarde, por volta de 2000, que um ‘movimento anarquista’ regional, da Bretanha, em Pontivy, convidou-me para participar em pequenos colóquios; o primeiro foi sobre a Utopia, noção a propósito da qual eu escrevi diversas vezes. De todo modo, o anarquismo não conhece, por definição, organização; e se eu tivesse que me definir, eu diria que pertence ao ramo ‘libertário’ do anarquismo. Amigos da *Radio Libertaire* às vezes me convidam” (Schérer, 2013).<sup>6</sup>

Vê-se, então, que ele faz questão de não se colocar como ligado a qualquer movimento anarquista, embora tenha proximidade com pessoas e grupos, o que não impede que ele se pronuncie como um “anarquista libertário”.

Na “entrada” oferecida em *Nourritures anarchistes*, Schérer destaca o anarquista como o “fora da lei”, como resultado do processo de criminalização do político em marcha desde o século XIX e encontrando seu desfecho em nossos dias, em uma biopolítica que governa a vida e os viventes. Em suas palavras: “[...] a perversidade sutil dos tempos contemporâneos soube tomar conta da própria ‘vida’ para, em nome de sua proteção e de sua defesa, de sua gestão, construir uma ‘biopolítica’, como a deno-

---

<sup>6</sup> Entrevista de René Schérer a Sílvio Gallo em dezembro de 2013, não publicada. Arquivo do autor.

minou Foucault, mais fecunda em ‘crimes’ do que o foi o cristianismo” (Schérer, 2008a, pp. 20-21).

Ora, se o âmbito da Lei, hoje, se coloca no governo das vidas, tudo o que escapa a este governo, a esta ordem policial, é criminalizado<sup>7</sup>; com o anarquista, ator político por excelência, não poderia ser diferente. Para Schérer, retomando a tese exposta por Deleuze & Guattari em *O Anti-Édipo*, já não se trata “da Lei oposta ao desejo, mas da Lei vingativa que se tornou desejo” (Schérer, 2008a, p. 17). Por isso, é necessário, hoje, “saber traçar a via da alegria, superar o niilismo que paira sob a égide assustadora da Lei, para a juventude e para todos nós” (Idem, p. 16). Esta é a luta necessária para um anarquismo contemporâneo. Por isso o uso da expressão “anarquismo explodido” colocada como subtítulo do livro; Schérer reivindica um anarquismo do pensamento, que acompanhe e inspire a liberdade de pensar, para além de um anarquismo do atentado a bomba. Anarquicamente, explodir o próprio anarquismo, de modo a fazer proliferar suas potências. Um pensamento que afirme a alegria de viver e a pratique, como forma de luta contra o niilismo fascista contemporâneo.

Segundo o filósofo, o anarquismo é uma espécie de “paradigma do político”, que lança em cena um enunciado paradoxal, talvez mesmo antinômico, visto que coloca em questão a rigidez dos princípios políticos, quando confrontados com a prática, de modo que se constitui ele

---

<sup>7</sup> A noção de “ordem policial” como gestão da vida na sociedade pode ser encontrada nas análises de Foucault da constituição biopolítica. Ver Michel Foucault (2008) em especial as aulas de 29 de março de 1978 (pp. 419-448) de 5 de abril de 1978 (pp. 449-487). Em uma acepção mais estritamente filosófica, a distinção entre polícia e política pode ser encontrada em Jacques Rancière, *O desentendimento*, op. cit.

mesmo como um princípio político. Aí está a antinomia: colocar como princípio do político a desconfiança e mesmo a ausência de qualquer princípio (Idem, p. 31). Assim ele define o anarquismo: “O anarquismo não é um sistema político existente nem passível de definição em si mesmo, não é possível isolá-lo nem organizá-lo na forma de um partido. Ele penetra e atravessa todo pensamento e toda ação política e filosófica. Ele é um elemento, um ingrediente, mais ou menos intenso, mais ou menos visível, mas que, se o podemos dizer, não consistiria apenas a ele dar a consistência, nem do político, nem do filosófico. Apresenta-se, de início, como a existência primordial de uma ‘sociedade sem Estado’, sem princípio de autoridade (*an-arché*) e, ao fim, na perspectiva sempre recuada, utópica, no sentido de estar sempre buscando seu lugar, de uma ‘dissolução do Estado’. Enquanto isso não se dá, contenta-se em ser o meio, o banho de relaxamento e de rejuvenescimento de todos os dispositivos de poder, o espaço de jogo, o óleo lubrificante de seu funcionamento. Este espaço de liberdade que é exigido tanto à direita quanto à esquerda da política, uma vez que há um anarquismo dos dois lados: tanto de Barrès quanto de Kropotkin, de Péguy quanto de Bakunin ou de Blanqui. Gide, Valéry, Artaud; Pasolini, certamente; entre nós, o insituável Gabriel Matzneff; todos podem ser contados nesta antologia. E mais: trata-se de um buquê que se enriquece a cada ocasião, sempre um leque aberto” (Schérer, 2008b, pp. 30-31).

Percebe-se que Schérer chama a atenção para o aspecto múltiplo dos anarquismos, assim como para suas transformações, lembrando a afirmação de Tomás Ibañez: “*anarquismo es movimiento*” (Ibañez, 2015), visto que está sempre se articulando com as condições presentes, trans-

formando-se, atualizando-se. Para ele, o anarquismo é o próprio motor da história, visto que “a história não avança senão sob a pressão interna de sua *anarquia*” (Schérer, 2008b, p. 152). Seu núcleo central, a negação do princípio de autoridade e o consequente acento na liberdade.

Detenhamo-nos um pouco mais em torno de suas explorações do anarquismo no pensamento. Para Schérer, o anarquismo filosófico é uma espécie de *geofilosofia*, no sentido pensado por Deleuze & Guattari (1992), um livre caminhar pelas ruas da cidade, sem destino fixado de antemão, permitindo-se os encontros fortuitos. “Pensar é, antes de tudo, errar<sup>8</sup>, livre de qualquer restrição”, afirma o filósofo (Schérer, 2008b, p. 14). Essa afirmação de uma errância no pensamento, um deixar-se levar, sem barreiras e constrangimentos, por caminhos muitas vezes inusitados é a fonte da possibilidade de criação. Mas este anarquismo filosófico é também uma necessária afirmação de si mesmo, base para qualquer encontro que venha a ser possível. Porém, ainda que afirmação de si, é sempre também abertura ao outro, acolhimento ao outro, afirmação e oferta permanente de hospitalidade (Idem). No anarquismo encontra-se, pois, uma necessária articulação entre o eu e o outro, o individual e o coletivo. Schérer recusa veementemente uma posição individualista; na tradição de Fourier, importa a relação do indivíduo com os outros, sem que nenhum deles abra mão de suas singularidades,

---

<sup>8</sup> A errância no pensamento destacada por Schérer foi assinalada de modo especialmente interessante em um seminário em sua homenagem em outubro de 2011 na Universidade de Paris 8, quando Constantin Irodoutou intitulou sua intervenção como “Sch-errer, De l’âme”, introduzindo o “errar” no próprio nome do filósofo. Ver: Bruno Cany et Yolande Robveille (dir.). *René Schérer ou La Paralole Hospitalière*. Paris, L’Hamattan, 2011.



de suas atrações passionais, de modo a constituir um coletivo harmônico.

O traço central do anarquismo filosófico é sua imanência, visto que “imanência contra transcendência define o anarquismo” (Ibidem, p. 32). Schérer esclarece que toma a noção de imanência no sentido que lhe foi dado por Deleuze e por Foucault, mas também por François Châtelet: a imanência como expressão da materialidade da vida humana entre as coisas, uma imanência monista, que postula a unidade do ser e a naturalidade do humano, contra uma transcendência dualista de fundo religioso. De modo que “o plano da anarquia é plano de imanência e não há outro” (Ibidem, p. 34). O filósofo emenda que qualquer evocação à transcendência só pode trazer equívocos à razão (um *égarement de la raison*, nas palavras de Fourier, constantemente citado por Schérer), tornando o pensamento obscuro — impossível não lembrar aqui de certos textos filosóficos transcendentalistas, incompreensíveis em sua obscuridade, e aos quais legiões de seguidores prestam culto, como se a incompreensibilidade fosse marca de genialidade. No outro polo, temos textos como os de Schérer, límpidos e afiados como lâmina, na clareza de um pensamento aberto e convidativo — hospitaleiro, para usar uma expressão de sua preferência. Um pensar por si mesmo, como exercício de autonomia, que convida e acolhe o outro para pensar junto, mesmo que na divergência.

A luta central de um anarquismo filosófico é, pois, contra a transcendência; Schérer cita uma afirmação de Châtelet, elucidativa: “Anarquia não é ausência de organização, é ausência de ordem, recusa em impor seja por qual meio um princípio de funcionamento que seja ante-

rior ao funcionamento do real... A ideia de interioridade é a transcendência por excelência” (Schérer, 2008b, p. 39). Sendo a interioridade uma transcendência, o anarquismo filosófico de Schérer alia-se com a noção de processos de subjetivação, através dos quais os sujeitos são construídos nas malhas das relações de poder, nas dobras da exterioridade, para usar uma expressão de Deleuze (1991)<sup>9</sup>.

Se a ideia de “fora”, contra toda transcendência, é fundamental, Schérer retoma de Fourier a noção de atração passional para pensar a política e a filosofia, afirmando ser necessário “fazer entrar a paixão na filosofia e, inversamente, tornar filosófica a paixão. Misturar a paixão ao político, de onde a excluímos pensando ter liberado sua essência” (Schérer, 2008b, p. 28). Para Fourier, assim como a atração gravitacional garante a coesão e a ordem do cosmos, a atração passional é a única capaz de promover a organização e a harmonia nas comunidades humanas. Segundo ele, somos movidos por nossas paixões, é através delas que vivemos e agimos; logo, as forças passionais são aquelas que dominam também o social (Fourier, 2009). Se quisermos “atualizar” a concepção de Fourier, encontramos em Deleuze & Guattari o conceito de agenciamentos maquínicos de desejo como os constituintes de nossos processos de subjetivação e de nossas relações sociais e comunitárias<sup>10</sup>. Uma política, pois, animada pela paixão (ou pelo desejo).

---

<sup>9</sup> Além de Foucault, a questão dos processos de subjetivação foi bastante trabalhada por Guattari; ver, por exemplo: Félix Guattari; Suely Rolnik. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Vozes, 1986.

<sup>10</sup> Sobre os agenciamentos maquínicos de desejo, ver: Gilles Deleuze; Félix Guattari. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte, Autêntica, 2014 e Gilles Deleuze; Félix Guattari, 2014 e 1980.

Dialogando com um pensamento que afirma a diferença de diversos modos, em Fourier, em Gabriel Tarde, em Michel Serres, em Deleuze & Guattari, Schérer afirma uma “*anarquia* do vivente”, composta por multiplicidades de segmentos, linhas que se entrecruzam, como lugar de proliferação diferencial (Ibidem, p. 65). Isso leva à perspectiva daquilo que ele denomina um “anarquismo tensorial”.

Em suas palavras: “sob a regularidade molar das leis gerais, manifesta-se um *anarquismo* universal da produção, do acontecimento imprevisível. Poderíamos então denominá-lo, tendo em vista as tensões que favorecem sua irrupção, sua emergência histórica, um ‘anarquismo tensorial’ (Ibidem, p. 72). O anarquismo tensorial é micropolítico, movimenta-se nas franjas capilares, sob a conformação mais ampla (molar) das leis gerais, sejam elas físicas ou sociais. Na visão de Schérer, é esta ordem diferencial anárquica, centrada na mistura e na imprevisibilidade dos acontecimentos, que sustenta uma aparente ordem social (ou cósmica) geral, que parece não ter lugar para as diferenças e os acontecimentos fortuitos; são estes, porém, que tornam possível aquela pretensa ordem “limpa”, majestática, que se apresenta como transcendente. No entanto, se há uma “ordem”, uma organização possível, ela é imanente ao movimento passional, aos agenciamentos maquínicos de desejo.

Se o anarquismo filosófico é tensorial, marcado pela tensão dos agenciamentos maquínicos de desejo (pela atração passional), ele é também um *anarquismo diferencial*. Sempre fiel ao pensamento de Fourier, Schérer chama a atenção que: “Em Fourier, a ‘diversidade biológica’, como denominaríamos hoje, é sempre primeira. O pri-

meiro momento da harmonia é aquele da diferenciação, de reconhecer a inesgotável riqueza da Natureza e dos indivíduos que a compõem. A harmonia não existe senão pelas diferenças e apenas a diferença conduz à Harmonia que, não apenas respeitará todas as diversidades, mas irá aumentá-las em uma explosão do movimento passional desconhecido até aqui” (Ibidem, p. 89).

Há, pois, uma conexão direta entre singularidades e harmonia. O complexo social harmonioso pensado por Fourier é um rizoma formado por singularidades múltiplas. É um equilíbrio sempre em tensão, mudando a cada momento, ajustando-se, transformando-se, mas sem abrir mão da multiplicidade de singularidades que o compõem. As singularidades não se dissolvem na harmonia; ao contrário, ela é a condição mesma de sua existência, umas não podendo se exprimir senão através da outra. Dizendo de outro modo, na harmonia as singularidades se expressam por elas mesmas, do mesmo modo que não pode haver um todo harmônico sem sua expressão singular. Mostrando que Fourier articulou de modo muito estreito a atividade de produção e o mundo amoroso (Fourier, 2013), mostrando que ambos se atravessam mutuamente, pela força da atração passional, visto que é a paixão que torna possível tanto a dedicação ao trabalho quanto às relações amorosas, Schérer mostra que se atribui aos indivíduos uma nova potência de ser e de agir. E a atualização dessa potência só é possível se tomada na escala de toda a humanidade, isto é, não seria possível a existência de um pequeno grupo vivendo harmoniosamente às custas de uma massa de explorados; apenas com a participação generalizada das singularidades poderemos ter um todo harmonioso.

A harmonia fourierista preconizada no anarquismo filosófico de René Schérer é uma ode à alegria, à possibilidade de livre expressão e vivência das singularidades, que produzem nos encontros acontecimentais possibilidades de vida coletiva. Vê-se, pois, que se de um lado, o anarquismo é apresentado como um movimento do pensamento, um pensamento que se produz na autonomia e na abertura ao novo, sem princípios determinantes, de outro lado, busca-se no pensamento utopista de Fourier um anarquismo diferencial e tensorial que estrutura toda uma harmonia social.

Para concluir, fiquemos com as palavras do próprio Schérer, em seu diagnóstico do presente: “A querela que opõe modernidade e pós-modernidade me parece obsoleta e irrisória. O que importa não é ultrapassar a modernidade, mas detectar o erro e o impasse de uma modernização que não significaria mais do que a aceitação do fato consumado. Da mesma forma, não se trata de estabelecer as responsabilidades para julgar, denunciar e punir. Ao contrário, o que interessa é *pôr fim ao juízo*, seja de Deus, como foi magnificamente declarado, de modo inigualável, por Antonin Artaud, farol de toda resistência contemporânea. Trata-se de escapar da ordem do julgamento e da Lei para afirmar o direito ao desejo, que não consiste em monopolizar e consumir mercadorias sempre renovadas, mas em construir, com os outros, com a natureza, consigo mesmo, se bem compreendemos Deleuze, novos *agenciamentos*. Os agenciamentos de desejo opostos aos dispositivos mortais da civilização<sup>11</sup>” (Schérer, 2008b, p. 177).

---

<sup>11</sup> “Civilização” é como Fourier se referia ao atual momento de desenvolvimento da humanidade sob o capitalismo.

## Referências bibliográficas

Deleuze, Gilles. *Foucault*. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo, Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_.; Guattari, Félix. *Mille Plateaux*. Paris, Les Éditions du Minuit, 1980.

\_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte, Autêntica, 2014.

Schérer, René. *Nourritures anarchistes. L'anarchisme explosé*. Paris, Cartouche, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Pour un nouvel anarchisme*. Paris, Cartouche, 2008b.

Fourier, Charles. *Théorie des quatre mouvements*. Paris, Les Presses du Réel, 2009.

Ibañez, Tomás. *Anarquismo é movimento*. São Paulo, Intermezzo/ Imaginário, 2015.

Malabou, Catherine. *Au voleur! Anarchisme et philosophie*. Paris, PUF, 2022.

*Resumo:*

*Este texto apresenta o anarquismo filosófico proposto pelo pensador contemporâneo francês René Schérer. Procura mostrar a articulação que o autor evidencia entre o pensamento de Charles Fourier e filósofos do final do século XX, como Foucault, Deleuze e Guattari, na produção de um pensamento anarquista centrado na vivência das paixões e do desejo, caracterizado como um anarquismo tensorial e diferencial.*

*Palavras-chave: Schérer, anarquismo filosófico, pensamento.*

*Abstract:*

*This paper presents the philosophical anarchism proposed by René Schérer, a contemporary French thinker. It tries to put in evidence the articulation between Charles Fourier's thought and contemporary philosophers, such as Foucault, Deleuze and Guattari in order to produce an anarchist thought centered in living passions and desires, characterized as a tensorial and differential anarchism.*

*Keywords: Schérer, philosophical anarchism, thought.*

*Recebido em 27 de agosto de 2022. Confirmado para publicação em 19 de setembro de 2022.*

***René Schérer's philosophical anarchism, Silvio Gallo.***